

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA

**O (R) EM CODA SILÁBICA NA VARIEDADE LINGUÍSTICA
CULTA E POPULAR DE MANAUS**

HEITOR RUI DE ARAÚJO PICANÇO

**Manaus
2016**

O (r) em coda silábica na variedade linguística culta e popular de Manaus

Artigo apresentado à disciplina Prática de Ensino de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa: estágio supervisionado III do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas pelo aluno Heitor Rui de Araújo Picanço como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras-Habilitação em Língua e Literatura Portuguesa, sob a orientação do professor Doutor Valteir Martins.

BANCA AVALIADORA

Professor Doutor Valteir Martins (UEA)
Orientador

Professora Doutora Silvana Andrade Martins (UEA)
Avaliador

Professora Doutora Raynice Pereira da Silva (UFAM)
Avaliador

O (r) em coda silábica na variedade linguística culta e popular de Manaus

Heitor Rui de Araújo Picanço¹
Valteir Martins (Orientador)²

RESUMO

O presente estudo investiga o cancelamento do (r) em coda silábica na variedade linguística culta e popular de Manaus. O *corpus* da investigação, no qual se analisa a ocorrência da consoante, consiste em um recorte do banco de dados do projeto Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC), totalizando 28 Diálogos entre Informante e Documentador (DIDs), um dos tipos de registro que o projeto coleta. A pesquisa se alicerça nos fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2011) e da Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001), que, em comum, preconizam o papel da frequência de uso na regularidade da variação e da mudança sonora em progresso. Em síntese, o apagamento do (r) se efetivou em aproximadamente 7% dos casos (190/2755), em coda interna, contra 86% dos casos (4208/4906), em coda externa. Em contexto interno, atestou-se o condicionamento de obstruintes fricativos, em ambiente fonológico seguinte, sobre o fenômeno. Em contexto externo, evidenciou-se que os nominais estão em estágio particular na aplicação do fenômeno, à frente dos vocábulos funcionais e atrás dos verbos, ao que influi a frequência de uso de itens lexicais específicos acelerando a mudança. O processo se espalha livremente pelo dialeto manauara, não obstante alguns falantes graduados mostrarem certa resistência.

PALAVRAS-CHAVE: (r) em coda silábica; fatores estruturais; fatores não-estruturais; frequência de uso; Sociolinguística Variacionista e Fonologia de Uso.

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas.

² Professor Doutor do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas.

O (r) em coda silábica na variedade linguística culta e popular de Manaus

Introdução

Dentre os constituintes silábicos, a coda é universalmente o mais frágil. No português brasileiro (PB), todos os segmentos fônicos que a preenche são alvos de fenômenos de variação e mudança sonora, sendo o mais radical, compartilhado por todos, o cancelamento ($\emptyset$). Dentre os segmentos codais, o (r) se distingue pelas múltiplas materializações fonéticas observadas na sincronia linguística, resultante das profundas modificações sucessivas que a consoante sofreu (e sofre) desde o latim até o português contemporâneo, culminando no apagamento do fonema. Em ataque silábico, não há a aplicação do processo de cancelamento do (r), sobretudo, em contexto intervocálico [V_V], onde há oposição fonológica; em ataque ramificado, como segundo elemento do *onset* [C_], a supressão, embora presenciada, é menos frequente que em coda.

Nessa perspectiva, o presente trabalho investiga o cancelamento do (r) em coda silábica, interna e externa, no dialeto manauara. Assim, contribui ao entendimento da complexa realidade do português falado na Região Amazônica, de modo geral, e à compreensão dos padrões fonológicos variáveis que se concretizam no heterogêneo contexto sociolinguístico de Manaus. A pesquisa analisa o apagamento do (r) codal em duas variedades linguísticas distintas, a saber, na variedade popular e na variedade culta, com base nas amostras de fala coletadas pelo projeto FAMAC, que relaciona falantes sem formação superior e sujeitos com formação universitária. Os dados examinados proveem de 28 DIDs, um dos tipos de registro que integra o banco de dados do projeto.

Este estudo se fundamenta nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2011; TARALLO, 2008; WEINREICH; LABOV & HERZOG, 2006) e da Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001). Em concordância com tais fundamentos, argumentamos que o mecanismo da mudança sonora pode ser apreendido, tanto na estrutura linguística, como no contexto social de determinada comunidade de fala, e que a frequência de uso, além de impulsionar a variação e a mudança dos padrões sonoros, pode concorrer à resolução do problema da implementação da evolução linguística.

Os registros históricos e as investigações sociolinguísticas referentes ao desaparecimento do (r) em fim de sílaba evidenciaram que o fenômeno é amplamente mais frequente em coda externa que interna, e, quase consensualmente, que o processo é

mais regular nos verbos que nos demais itens linguísticos. Outras particularidades também são arroladas, todavia, de forma menos circular, considerando a vasta bibliografia consignativa do fenômeno. Face às especificidades gerais elencadas, entre outros procedimentos, optamos por tripartir as classes morfológicas que contêm o segmento codal em verbos, nominais e itens gramaticais, analisando o papel da frequência de uso no desenvolvimento peculiar do cancelamento do (r) na classe nominal (BYBEE, 1999, 2001).

O presente trabalho está dividido em 5 seções como se explicita adiante. Em linhas gerais, na primeira seção, com base em algumas das pesquisas linguísticas existentes, discorreremos sobre as propriedades e agrupamento dos róticos, sua variabilidade fonética e sua distribuição, mais detidamente em coda, levando em conta o português europeu e brasileiro. Em seguida, enumeramos as variantes manauaras do (r) identificadas no *corpus* deste trabalho, e encerramos o tópico trazendo à baila resumidamente alguns fatos fonético-fonológicos do segmento. Na segunda seção, expomos os principais achados de alguns dos estudos sociolinguísticos atinentes ao cancelamento do (r) em coda no PB, sumarizando os condicionamentos linguísticos e as motivações sociais comuns apontadas como relevantes para a efetivação do fenômeno.

Na terceira seção, dissertamos sobre as abordagens teórico-metodológicas que norteiam a pesquisa. Na quarta, apresentamos a metodologia adotada na coleta dos dados, os critérios empregados e a configuração do *corpus*, esclarecendo a divisão estabelecida entre a variedade culta e a popular, a partir da escolaridade dos falantes. Na quinta seção, tratando separadamente (r)'s em coda interna *versus* em coda externa, expomos e discutimos os resultados da pesquisa, mediante os fatores estruturais e não-estruturais selecionados para aferir o apagamento do (r), a par da frequência de uso, nas especificidades ressaltadas. Concluímos o tópico delineando algumas tipicidades do processo de ressilabificação do (r) no português falado em Manaus.

1. A variabilidade fonética dos róticos codais no português

Os róticos estão presentes em três quartos das línguas do mundo (MADDIESON, 1984). Foneticamente, eles representam uma classe de segmentos latamente heterogênea em termos de sua fonação, modos e pontos de articulação variados intervêm na produção vocal dos diversos (r)'s. Fonologicamente, os róticos, entre outras características, ocupam o mesmo lugar em sistemas consonantais e em estruturas silábicas de diferentes línguas, têm efeitos similares sobre os ambientes

fonéticos (alongamento, roticização e redução de vogais, por exemplo), podem, também, alternar com outros róticos (LINDAU, 1985). Não há correlatos articulatórios, nem acústicos que evidenciem uma classe de segmentos com o traço [+rótico] (LINDAU, 1985; LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

Dessa maneira, aventar traços binários para associar os róticos em uma classe, tais como [Laminal], [soante], [consonantal], é um procedimento que não logra êxito, dada a alta variabilidade dos róticos. Ante a inviabilidade de uma abordagem baseada em traços fonéticos, articulatórios ou acústicos, Wiese (2011) sugere uma descrição baseada nos padrões fonotáticos, comuns aos sons de (r), para a heterogênea classe dos róticos. O fonólogo ressalta uma série de propriedades como sonoridade, adjacência ao núcleo silábico, variação alofônica, alternância fonêmica e mudanças sonoras inter-róticas, como características definidoras, bem como consideravelmente mais estáveis para o agrupamento dos róticos que as abordagens segmentais. Entre outras vantagens, a proposta alternativa de Wiese tem o efeito de se poder reunir um extenso rol de segmentos, compreendendo as vogais roticizadas e todas as formas de (r)'s.

Em Portugal, estudos que detalhem as realizações alofônicas dos róticos no português europeu são raros. Em geral, linguistas portugueses, a par da oposição *vibrante múltipla* /r/ e *vibrante simples* /r/, assumem categoricamente estes dois fonemas como as variantes capitais do (r), e generalizam esta última para a posição de coda, a exemplo de Mateus (2003). No entanto, a realidade sonora dos róticos lusitanos é diversa e trilha o processo de posteriorização, como mostram pesquisas mais recentes. Rennie & Martins (2013), por exemplo, analisam a distribuição variável dos róticos, em dados de 55 informantes, provindos do Arquivo Dialetal do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), sem avaliar seu arranjo nos constituintes silábicos e nos ambientes fonológicos. Nesse *corpus*, conforme os pesquisadores, as variantes de (r) são [ʁ], [χ], [x], [r] e [ʀ], em ordem decrescente. As fricativas uvulares, róticos mais frequentes, estão presentes, respectivamente, na fala de 42 (76%) e 13 (24%) dos 55 indivíduos; a fricativa velar está manifesta em 9 (16%), as vibrantes alveolar e uvular, ambas em 6 (11%) do total de falantes.

No Brasil, investigações que pormenorizem as materializações alofônicas do (r) no espaço nacional são abundantes. No português brasileiro, há numerosa variabilidade articulatória dos róticos codais, variedade superior, talvez, em toda a lusofonia, restrita ao dialeto e à posição do segmento na palavra. Porém, mesmo intradialetalmente (r)'s heterogêneos também podem se materializar, caso de muitas comunidades de fala; o

padrão de variação dos sons róticos, em algumas localidades, difere-se em função da posição da coda, variando entre codas internas e externas no domínio da palavra. O processo de lenição, na maioria das variedades dialetais brasileiras, encontra-se em estágio mais avançado que no português europeu, culminando na perda da consoante.

Em final de sílaba, contexto que se restringe esta pesquisa, as variantes posteriores do (r), [x, ɣ, h, ɦ], são as mais frequentes em quase todo o país (RENNICKE, 2015). As variantes anteriores, como [r] e [ɾ], parecem se circunscrever às variedades mais conservadoras do sul do Brasil. A vibrante alveolar [r] é rara, encontrada principalmente em áreas de imigração europeia. O tepe [ɾ] é a variante precípua do (r) em cidades como Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. As modalidades retroflexas da consoante se evidenciam em vários contextos geográficos, de norte a sul do país, com consistência em municípios como Londrina/PR e, mormente, em localidades de perfil rural. As fricativas velares [x, ɣ] predominam nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro, Florianópolis, e concorrem com a aspiração [h], no caso dos dois primeiros dialetos. Em João Pessoa, materializam-se a fricativa velar [x] e a fricativa laríngea [h], sendo que este alofone prevalece em coda medial, aquele, em coda final, quando não cede à queda [Ø]. Os demais sons de (r), tais como a vibrante uvular e a fricativa alveolar, constam como variantes marginais, de frequência diminuta nos dialetos onde são observadas (BRANDÃO, 2007; BRESCANCINI & MONARETTO, 2008; CALLOU, LEITE & MORAES, 2002; DA HORA & MONARETTO, 2003).

De todas as variantes, a fricativa laríngea, segundo Rennie (2015), está presente em (quase) todos os dialetos brasileiros, sendo a mais frequente. Como se vê, as realizações fonéticas variadas do (r) codal ilustram a diversidade linguística no Brasil, bem como constituem um dos maiores índices de diferenciação dialetal no PB. Em Manaus, em um total de 7661 ocorrências do (r) no *corpus*, observamos as seguintes modalidades articulatórias: fricativas laríngeas [h, ɦ], característica do falar manauara, com 3002 incidências; tepe [ɾ], com 254 materializações, emergente privativamente na ressilabificação da consoante em vogal de palavra subsequente; zero fonético [Ø], com 4398 efetuações; e fones de frequência ínfima como a fricativa velar [x], com 4 ocorrências, bem como a vibrante múltipla uvular [ʀ], o glide posterior [w] e a vogal roticizada [o̥], com 1 realização cada³.

³ Para exemplificar, transcrevemos os vocábulos nos quais as variantes codais marginais de (r) ocorreram: *ca[x]ne*, *da ta[x]de* (reiterada duas vezes pelo mesmo sujeito), *de ta[x]de*, *desaba[ʀ]*, *refo[w]so* e *abs[o̥]/vi*. Exceto a vibrante múltipla uvular, as demais variantes foram articuladas unicamente por falantes mais escolarizados, i. e., com formação universitária completa.

O fone [h] é um som transitório e problemático para a classificação na tabela fonética. Foneticistas divergem em considerar a variante aspirada, representativa do português falado em Manaus, como um som fricativo glotal, não obstante seja assim classificado pelo Alfabeto Fonético Internacional. Há línguas como o hebreu e o árabe que realizam uma constrição glotal durante a articulação de [h], de acordo com Laufer (1991), citada por Ladefoged & Maddieson (1996). Mas em muitas outras línguas, caso do inglês e do português brasileiro, a fricção glotal inexistente, [h] e [ɦ] ficam dependentes dos sons adjacentes, sem especificação de traços (LADEFOGED, 1993). Saindo do campo puramente fonético, dada a pertinência fonêmica, conforme se verá adiante, as denominações convencionais para esses sons serão intocadas.

A aspiração [h], materialização do chamado “r” *forte*, cunhagem convencional entre os linguistas brasileiros que se opõe a “r” *fraco*, resulta de um processo de enfraquecimento consonantal com a seguinte trajetória, em coda silábica, proposta por Rennicke (2015): $r \rightarrow \text{R} \rightarrow \chi \rightarrow h$. Especificamente relativo à [h], o segmento só preenche os constituintes hierarquicamente inferiores da sílaba, ataque ou coda, podendo ocorrer em início de sílaba ou palavra [\$__#] ou em fim de sílaba ou vocábulo [__\$#]. O “r” forte, representado ortograficamente por *rr* (*ferro*, *mirra*), contrasta-se fonologicamente, em ambiente intervocálico, com o “r” fraco, simbolizado na escrita por *r* (*fero*, *mira*), articulado como um tepe [ɾ]: fe[h]o x fe[ɾ]o, mi[h]a x mi[ɾ]a. Em início ou final de palavra a oposição se neutraliza.

2. O cancelamento do (r) na literatura (socio)linguística

A queda do (r) em coda silábica, amplamente documentada, consta como um fenômeno linguístico remoto no tempo, com indícios no próprio latim. No final de vocábulo, similar às demais consoantes, o fonema desapareceu da segunda e terceira declinações do latim na transição ao português (*guttuor* > *glote*), não obstante as exceções (*labor* > *labor*); além da apócope, processos como metátese (*semper* > *sempre*) e assimilação (*persica* > *pêssego*), também ocorrentes, retratam a debilidade do (r) codal (COUTINHO, 1974; MATTOS E SILVA, 2006; SILVA NETO, 1946).

Na língua portuguesa, a primeira evidência do cancelamento do (r) data do séc. XVI, provinda de Gil Vicente, o qual, em *Frágoa d’amor* (1524), ao caracterizar linguisticamente o personagem negro da tragicomédia, entre outros indicadores, subtrai o (r) final dos verbos (“cassaa”, “queree”, “trazee”, “falaa” etc.), mas o preserva em nominais e em vocábulos funcionais (“por”, “muier” etc.) (VICENTE, 1852 [1524]). No

português brasileiro, a primeira referência ao processo advém de Frei Francisco dos Prazeres; em 1819, ao retratar os aspectos linguísticos de falantes “rústicos” do Maranhão, o clérigo registra “abraçá”, “feitô”, “tirá”, “sinhô”, “amô”, “nhô” (SILVA NETO, 1963, p. 90).

Indubitavelmente, muitos relatos foram registrados concernentes ao fenômeno no PB, entretanto, priorizaremos na discussão alguns dos estudos sociolinguísticos, em virtude de sua rigorosidade metodológica e relevância para a presente pesquisa.

Oliveira (1983) examina a variável (r) em fim de sílaba, descrevendo suas realizações fonéticas e apagamento em dados de 50 falantes do dialeto belo-horizontino. Sob a abordagem neogramática, os grupos de fatores foram avaliados pelo programa VARBRUL para checagem da significância estatística. Em conformidade com os achados da investigação atinentes ao cancelamento do fonema, o fenômeno aplicou-se em 17,59% dos casos (1387/7883), em posição medial, e 70,83% em posição final à palavra (8111/11450). Em sílaba interna, a elisão do segmento deu-se, preferencialmente, quando antecedido por vogais [+altas] e [+acentuadas], com pesos relativos (.57) e (.60), respectivamente, e sucedido por consoantes [+contínuas] e/ou [+vozeadas], a saber: [l] (.84), [z] e [ʒ] (.76), [s] e [ʃ] (.68), [v] (.66) e [b] (.58).

Em sílaba externa, o linguista analisa o apagamento do (r) em verbos e em nominais (englobam substantivos, adjetivos, advérbios, entre outros), à parte. Referente aos itens nominais, 34% das ocorrências da variável implementou o fenômeno (553/1627). A supressão do fonema, sem muitos pormenores, efetivou-se, principalmente, quando precedido por vogais [-acentuadas], e seguido por segmentos [+vozeados] e [-nasais], em nomes não monossílabos. Pertinente à atuação dos fatores sociais na aplicação do processo em posição interna e em posição final de nominais, particularmente, os resultados indicaram que as classes mais baixas (classe baixa, classe trabalhadora, classe média baixa) contribuíram mais ao fenômeno que a classe mais alta (classe média alta); as mulheres cooperaram menos ao processo que os homens. Em função do conjunto de restrições similares apontadas como significativas para o cancelamento de (r)’s internos e de (r)’s externos em nominais, de maneira simples, o autor formula a seguinte regra para ambos os contextos de queda da consoante:

$$(r) \rightarrow <\emptyset> / \quad V \quad \text{_____} \quad \begin{matrix} + \text{ vozeado} \\ <##> \\ - \text{ nasal} \end{matrix}$$

Referente aos verbos, a queda do (r) pós-vocálico final foi um fenômeno quase categórico, verificando-se em 96% dos casos (7158/7454), independente do ambiente fonético e de outros parâmetros estruturais da pesquisa, de sorte que, ao invés de sugerir uma regra de cancelamento, Oliveira (1983) propõe uma regra de inserção do segmento na categoria verbal, transcrita abaixo:

$$\emptyset \rightarrow \langle (r) \rangle / \quad V \quad \underline{\hspace{1cm}} \quad \#\# \\ \hspace{10em} [+verbo]$$

Callou, Leite & Moraes (2002) analisaram 4334 ocorrências da consoante (r) em posição de coda no *corpus* do Projeto NURC. Em posição interna, o zero fonético mostrou-se pouco produtivo, atingindo uma média de 3%, apenas. Diferentemente, em posição externa, Ø realizou-se com os seguintes percentuais nas capitais integrantes do projeto: Salvador, 61%, São Paulo e Recife, 49%, Rio de Janeiro, 47%, e Porto Alegre, 37%. Em posição final, os pesquisadores distinguiram, outrossim, verbos e nomes na análise do fenômeno. Os verbos atuaram em 65% e os nomes em 19% dos casos de ausência do (r). Os resultados probabilísticos assinalaram que, quanto aos verbos, indivíduos mais jovens (25-35 anos), peso relativo (.81), e a presença de vogais nucleares [-arredondadas] favoreceram o fenômeno. Quanto aos nominais, os informantes mais jovens (.71), novamente, e as mulheres (.62) sobressaíram-se na manutenção do processo; Salvador (.91) e Recife (.88) são as cidades onde o cancelamento foi mais intenso; vocábulos não monossílabos foram mais favoráveis à regra de apagamento, com índices probabilísticos graduais: monossílabos (.07), dissílabos (.57), trissílabos (.60) e polissílabos (.66).

Da Hora & Monaretto (2003) pesquisaram o enfraquecimento e consequente desaparecimento variável do (r) em coda medial e final no *corpus* do Projeto VALPB, composto por 60 informantes do dialeto pessoense. Nesse estudo, os grupos de fatores foram checados probabilisticamente pelo Programa VARBRUL. Em relação ao primeiro contexto, o apagamento do (r) foi nitidamente mais frequente quando a consoante subsequente é uma fricativa, com índices percentuais próximos de 50%. A explicação para tal condicionamento foi encontrada na Geometria de Traços pelos autores, no escopo da qual, sendo [x] e [h] segmentos codais idênticos às fricativas em *onset* [f, v, s, z, ʃ, ʒ], quanto ao traço [+contínuo], efetua-se o desligamento do traço [+cont] em detrimento dos róticos e consequente queda. Em alusão ao segundo contexto, as vogais inibiram a materialização do rótico em cerca de 90% das ocorrências; o zero

fonético correlacionou-se positivamente às sílabas tônicas com percentual acima de 90% para tais ambientes; os indivíduos com nenhum ano de escolarização correlacionaram-se mais favoravelmente à ausência da consoante que informantes com 5 a 8 anos ou com + de 11 anos de escolarização, na conclusão dos autores.

Oliveira (1997) revisita o cancelamento do (r), dessa vez, sob a ótica difusionista. Nesse estudo, o linguista se ateve aos nominais, haja vista seu comportamento diferenciado diante do fenômeno, com base nos dados de sua pesquisa anterior (OLIVEIRA, 1983). Os resultados evidenciaram que o apagamento do (r) não se processa de forma abrupta e lexicalmente homogênea na categoria aludida, mas de modo gradual o fenômeno vai se espalhando pelo léxico, sendo alguns itens mais afetados que outros (v. g., “qualquer” (.76), *versus* “mulher” (.47)). Outro aspecto interessante, além do papel do léxico como controlador de uma mudança sonora, concerne à compreensão da atuação do indivíduo no processo de mudança. Em divergência com o desempenho do grupo, indivíduos de uma mesma classe social tiveram comportamentos diferentes no tocante à variável.

Huback (2006), na linha de Oliveira (1997), lança mão dos princípios teóricos da Difusão Lexical e testa alguns pressupostos teóricos da Fonologia de Uso no estudo do cancelamento do (r) em final de nominais. Dentre os resultados da pesquisa, destaquem-se a interferência dos fatores estrutura morfológica e a frequência lexical no processo. Nessa investigação, o sufixo agentivo *-dor* foi o morfema que mais sofreu o apagamento do (r), com percentagem e probabilidade, respectivamente, de 63% e 0,853. A linguista infere que o cancelamento estaria se espalhando, gradualmente, nas palavras portadoras do sufixo *-dor*, padrão produtivo ao apagamento, associando-se, ademais, aos vocábulos em redes de similaridade fonética e semântica. Por fim, Huback (2006, p. 24) afirma que “todas as palavras líderes em cancelamento são altamente frequentes”, fornecendo indícios do papel da frequência lexical na emancipação do fenômeno.

Seguramente, das investigações sociolinguísticas que foram apresentadas, alusivas à queda do (r) em coda no PB, podemos sintetizar as seguintes conclusões:

- a) O cancelamento do (r) é muito mais frequente em sílaba externa que interna, quanto a este contexto, Oliveira (1983) e Da Hora & Monaretto (2003), atestaram o condicionamento de fricativas em favor do apagamento; quanto ao contexto final, não há homogeneidade nos resultados no que tange ao fator ambiente fonológico seguinte, formado por C, V ou pausa;

- b) O desaparecimento do (r) distingue-se, em grau de aplicação, entre dois agrupamentos gramaticais, nomeadamente, verbos e não-verbos; a literatura linguística, em geral, não só as pesquisas contempladas, corrobora que a perda do (r) em verbos está à frente das demais classes morfológicas (Cf. Da Hora & Monaretto (2003), para agrupamentos diferentes);
- c) Quanto ao condicionamento dos demais fatores linguísticos na supressão do (r) codal, tem-se o subsequente: a dimensão do vocábulo, quando relacionado, mostrou-se pertinente apenas à classe de nominais; a tonicidade é um ambiente suprasegmental favorável ao cancelamento, na maioria dos estudos discutidos (Cf. Oliveira (1983), para resultado inverso); o envolvimento do fator vogal precedente à queda do (r) não está evidente;
- d) Quanto à motivação de fatores não-estruturais, ocorre que não há consenso, em rigor, nos resultados alusivos às variantes sexo do falante e grupo etário sobre a elisão do (r); os fatores classe social e nível de escolaridade, quando empregados, em que pesem as conclusões, não indicaram diferenças muito radicais, mas contíguas, acentuando muitas paridades.

3. A Sociolinguística Variacionista e a Fonologia de Uso

Para a investigação do cancelamento do (r) em posição de coda silábica, interna e externa, esta pesquisa ancora-se no seguinte arcabouço teórico-metodológico: na Sociolinguística Variacionista, cujas diretrizes metodológicas estão explicitadas em Weinreich; Labov & Herzog (2006) e em Labov (2011); e na Fonologia de Uso, cujos postulados teóricos estão manifestos em Bybee (1999, 2001).

Nas palavras de seu maior expoente, a Sociolinguística Variacionista trata-se de uma “abordagem da pesquisa linguística que se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala” (LABOV, 2011, p. 215). Um sociolinguista variacionista, ao investigar um dado fenômeno, depreende o lugar de seu objeto de estudo não só no sistema linguístico, mas também na estrutura social da comunidade de fala na qual realiza sua pesquisa. A partir da observação do sociolinguista atinente à estratificação social e à distribuição linguística subjacentes ao seu objeto de investigação, ele estabelece correlações estatísticas entre os fatores selecionados como condicionantes ou motivadores, podendo ser linguísticos e/ou não-linguísticos, e o fenômeno estudado. A variação e a mudança linguística, que são o âmago da abordagem variacionista, são investigadas à luz de amostras reais de fala; as fontes e os registros históricos existentes

constam como materiais férteis que podem subsidiar o estudo (LABOV, 2011; TARALLO, 2007).

As grandes correntes linguísticas do séc. XX, compenetradas nos aspectos formais e sincrônicos da língua, desviaram-se da variação inerente a toda língua e abstiveram-se de um tratamento metodológico e empiricamente apropriado da mudança linguística. Em reação à *práxis* e aos princípios científicos em voga na linguística, entretanto, a Sociolinguística Variacionista, erigida com William Labov, propôs técnicas metodológicas rigorosas capazes de coordenar a pesquisa da variação e da mudança linguística em progresso. Nesse quadro de pesquisa socialmente realista, o foco reside na identificação do mecanismo de mudança operante na transição de determinado elemento de um estado de língua a outro. Um dos princípios norteadores da Sociolinguística Quantitativa, como também é conhecida, alude ao problema da implementação (WEINREICH; LABOV & HERZOG, 2006). Afinal, como a mudança linguística se processa em uma determinada variedade ou comunidade de fala?

A Fonologia de Uso, uma abordagem particular do funcionalismo norte-americano concebida na década de 80 do séc. XX, demonstra-se uma teoria linguística alternativa na resolução do problema da implementação (BYBEE, 1999, 2001). De acordo com sua precursora, “[...] language use plays a role in shaping the form and content of sound systems” (BYBEE, 2001, p. 1). A frequência de uso desponha, portanto, como um fator impactante na estrutura fonológica e, por conseguinte, na mudança dos padrões sonoros. A Fonologia de Uso preconiza a unidirecionalidade da evolução linguística, o efeito imediato e permanente da mudança sonora sobre o léxico, fomentada pela alta frequência de itens linguísticos em alguma instância específica de uso da língua.

A Fonologia de Uso rompe com profundos paradigmas das teorias fonológicas tradicionais, conforme se comenta a seguir. Nesse modelo teórico, a substância fonética, secundarizada pelas vertentes linguísticas conservadoras, é diretamente representada no conhecimento linguístico do falante; não há, então, separação entre fonética e fonologia, nem entre estas e os demais módulos gramaticais. A unidade de categorização básica são as palavras ou estruturas sintáticas cristalizadas (*chunks*) no léxico mental, ao contrário de fonemas, os quais não possuem existência autônoma, emergem do uso, juntamente com os vários componentes fonético-fonológicos. As representações mentais de objetos linguísticos têm as mesmas propriedades de objetos pertencentes a outros domínios cognitivos (BYBEE, 1999, 2001; SILVA & GOMES, 2004).

Para aferir a regra da frequência na consolidação dos fenômenos linguísticos, a Fonologia de Uso considera duas medidas de frequência: a frequência de ocorrência (*token frequency*) e a frequência de tipo (*type frequency*). A frequência de ocorrência diz respeito ao número de vezes que uma determinada unidade, em geral, uma dada palavra, aparece em um *corpus*. Um dos efeitos da frequência assevera que palavras mais frequentes são mais suscetíveis à redução fonética que as infrequentes, e sofrem automatização para a eficiência da comunicação. A frequência de tipo concerne à frequência em dicionário de um padrão particular (como afixos, acento lexical, etc). Ela se relaciona diretamente com a produtividade de padrões linguísticos, associando e fortalecendo itens em esquemas cognitivos (BYBEE, 1999, 2001).

Na recente história da linguística, dois modelos teóricos altercaram sobre o mecanismo da mudança sonora: o Modelo Neogramático e o Modelo da Difusão Lexical. De maneira sumária, para o primeiro modelo, as mudanças fonéticas são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas; a unidade de implementação da mudança é o som e esta alcança todas as palavras de uma categoria lexical concomitantemente. Para o segundo, as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais; a unidade de implementação é a palavra em nível gradual (OLIVEIRA, 1991). A Fonologia de Uso, modelo multirrepresentacional, adota uma postura diferente: além do papel substancial exercido pela frequência, para esse constructo teórico, a mudança sonora é tanto fonética como lexicalmente gradual, uma vez que o conhecimento linguístico dinâmico do falante engloba os detalhes fonéticos e as especificidades lexicais dos fenômenos variáveis da linguagem (BYBEE, 2001; SILVA & GOMES, 2004).

O quadro sociolinguístico e funcional exposto comporta pressupostos teórico-metodológicos relevantes à análise do cancelamento do (r) codal, que, em oposição às teorias fonológicas tradicionais, inclui em seu programa de estudos dados reais do contexto social. A frequência tem uma função crucial na efetivação da mudança linguística, tanto para a Fonologia de Uso, como para a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2011; BYBEE, 1999, 2001).

4. Metodologia adotada

Os *corpora* da pesquisa consistem em um recorte do banco de dados do projeto FAMAC⁴, constituído por gravações e transcrições de amostras de fala em três tipos de registro: Diálogos entre Informantes (D2); Diálogos entre Informante e Documentador (DID); e Elocuções Formais (EF). O FAMAC labora com dois conjuntos de dados provenientes de informantes com níveis de escolaridade distintos, a saber, indivíduos graduados, com formação superior, e indivíduos sem formação universitária, com escolaridade básica igual ou inferior a 11 anos de estudo.

O primeiro grupo social constitui, na perspectiva aqui adotada, a variedade culta, na medida em que indivíduos graduados estiveram expostos a situações de letramento mais profundas, estando mais relacionados com a cultura de escrita, *a priori*, mais propensos ao uso das normas gramaticais de prestígio. O segundo grupo social, de escolaridade básica ou mesmo nula, compõe a variedade popular (PRETI, 1977). Naturalmente, outros critérios auxiliares, tais como classe econômica e ocupação profissional, poderiam ser conjugados e incorporados para a classificação das variedades linguísticas em questão, mas não serão incluídos aqui, dado que julgamos satisfatório o critério apresentado para a classificação visada e aos propósitos desta investigação.

À guisa de esclarecimento, cumpre elucidar que, ao dissociar os informantes da pesquisa nas variedades linguísticas culta e popular, não estamos enveredando em uma interpretação segundo a qual o apagamento do (r) seja especificidade linguística do grupo com menor escolaridade. Outrora, houve autores que concebiam o fenômeno como típico das “pessoas com menor instrução” (SILVA NETO, 1963; CUNHA, 1975, STAVROU, 1947, entre outros). Hodiernamente, porém, as pesquisas linguísticas mostraram que o fenômeno não é exclusividade dos grupos com baixa escolaridade, malgrado possa haver diferenças pertinentes entre os grupos com escolaridade distinta. Também não há indícios de sua estigmatização pela comunidade de fala brasileira, figurando, pois, como um fenômeno variável passível, nos termos labovianos, de *pressões vindas de baixo*, isto é, “abaixo do nível da percepção consciente” (LABOV, 2011, p. 152).

⁴ O FAMAC foi criado em 2009, pela Profa. Dra. Silvana Andrade Martins, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com o propósito de construir um banco de dados digitais da fala manauara. Nos seus desdobramentos, o projeto objetiva “verificar a interface entre o falar de pessoas graduadas com os outros falares, com a finalidade de verificar seus pontos de convergências e divergências, na busca de identificar a fala manauara comum, como um dialeto social que atende tanto aos falantes cultos quanto aos falantes com menor escolaridade” (MARTINS, 2011).

Este estudo limita-se à análise das ocorrências do objeto de estudo em DIDs, situação discursiva cujo *continuum* de monitoramento do falante, em geral, oscila entre intermediário a alto. Os dados foram gravados por meio de instrumentos tecnológicos diversos, como telefones celulares e gravadores de áudio portáteis, sendo coletados entre os anos de 2009 e 2015 pela equipe de estudantes pesquisadores do FAMAC. O tempo de gravação dos inquéritos varia entre 19 e 35 minutos. No total, contabilizou-se aproximadamente 12 horas e 40 minutos de gravação.

O critério básico para a escolha dos informantes, em consonância com os parâmetros do projeto, exige que estes tenham nascidos ou estejam residindo em Manaus há, no mínimo, 20 anos, e que não tenham se ausentado da capital por mais de 1/3 de suas vidas. No total, 28 informantes foram selecionados, constituindo, assim, o universo da pesquisa, os quais foram agrupados segundo os fatores sexo (masculino e feminino), faixa etária (1ª faixa – falantes com 21 a 35 anos; 2ª faixa – falantes com 36 a 55 anos; 3ª faixa – falantes com idade acima de 55 anos), além do critério grau de escolaridade, já comentado. O quadro 1 ilustra a configuração do *corpus*.

Nível de escolaridade	Gênero	1ª faixa etária	2ª faixa etária	3ª faixa etária	Nº de informantes
S/formação superior	Masculino	2	2	3	7
	Feminino	2	2	3	7
C/formação superior	Masculino	2	2	3	7
	Feminino	2	2	3	7
Nº de informantes		8	8	12	28

Quadro 1: Configuração do *corpus*.

Destarte, a estruturação social dos dados se conforma aos pressupostos metodológicos sociolinguísticos, nos quais a presente pesquisa se alicerça ao estudo do apagamento do (r) em coda silábica (LABOV, 2011). Podem-se responder questões da seguinte natureza: 1) Como o apagamento do (r) se distribui socialmente pela comunidade de fala estudada? 2) O grau de escolaridade do falante interfere no processo ou indivíduos com níveis de escolaridade distintos têm comportamento análogo? Tendo em foco a formalidade característica das entrevistas, pode-se indagar: 3) Em que medida tal instância discursiva inibe o desempenho dos falantes com relação ao fenômeno?

5. Análise sociolinguística e funcional

Tendo como objetivo depreender os fundamentos linguísticos e sociais subjacentes ao cancelamento do (r) em coda silábica, bem como o efeito da frequência

no desenvolvimento do fenômeno na classe nominal, arrolamos um conjunto de fatores estruturais e não-estruturais.

Os fatores linguísticos são: posição do (r) - distingue coda interna de externa no domínio da palavra; classe morfológica - diferencia verbos, nominais e itens gramaticais; vogal nuclear precedente; ambiente fonológico subsequente – rememore-se que em contexto final, além de consoante, vogal e pausa são ambientes possíveis; acento - discrimina sílaba acentuada de sílaba não acentuada; dimensão do vocábulo - separa as palavras conforme a quantidade de sílabas; e valor morfológico do (r) - cerceia-se a itens nominais. Os três últimos critérios limitam-se ao (r) em fim de sílaba externa.

Os fatores sociais são: grau de escolaridade - indivíduos com e sem formação superior; sexo - masculino e feminino; e faixa etária - agrupa os falantes de acordo com a sua idade, consoante às descrições no item 4. A frequência lexical levará em conta somente os nominais, devido ao comportamento diferenciado da classe em relação ao apagamento, como se verá posteriormente. Elucide-se que, nos termos desta pesquisa, os itens gramaticais compõem-se das preposições, conjunções e respectivas locuções; os nominais dos substantivos, adjetivos, advérbios, numerais e do pronome *qualquer*.

A tabela 1 mostra o cancelamento do (r) em função do fator *posição do (r)* no vocábulo:

	Coda interna		Coda externa	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Canc.	190/2755	6,89	4208/4906	85,77

Tabela 1: Posição na palavra

Conforme os dados expostos na tabela 1, o apagamento da consoante é amplamente correlacionado à posição final de palavra. Por outro lado, o apagamento do segmento em posição medial apresenta baixa frequência. Tendo em vista a necessidade evidente de se separar, a bem da análise, (r)'s internos de (r)'s externos, trataremos cada um dos casos à parte. Iniciando pelo (r) em coda interna, para analisarmos a natureza das restrições envolvidas nos 190 casos de queda nessa posição, selecionamos os seguintes fatores: *classe morfológica*, *vogal antecedente*, *ambiente fonológico subsequente*, *sexo* e *faixa etária*.

a. Análise do cancelamento do (r) em coda interna

A tabela 2 mostra o cancelamento do (r) interno mediante o fator *classe morfológica*:

	Contexto interno	
	Apl./Total	%
Verbos	14/435	3,21
Nominais	81/1673	4,84
Itens gram.	95/647	14,68
Total	190/2755	6,89

Tabela 2: Classe morfológica (contexto interno)

Em coda interna, o zero fonético parece ser favorecido pelos vocábulos funcionais. Porém, a análise da distribuição do apagamento na categoria revelou que o fenômeno é exclusividade de apenas um item da classe, a conjunção *porque*. Outros itens gramaticais, como a locução *a partir de*, *acerca de* e a forma *por+que* em outras funções que não à de marcador discursivo, nunca incorreram em supressão medial. As classes variáveis, por seu turno, tais como *conversei*, *surgiu*, *recurso* e *alergia*, apresentam uma variedade de formas afetadas pelo apagamento, sujeitas a condicionantes específicos, respondendo por 95 (=50%) dos casos de zero fonético.

O fator *vogal nuclear precedente* não se mostrou muito interessante, pois não ofereceu evidências de padrão algum de condicionamento sobre o apagamento do (r). Por conseguinte, para contraditar uma abordagem unilateral que superestime motivações fonéticas em prejuízo do componente lexical, faremos algumas considerações. Tabelas não serão empregadas.

Em contexto interno, ainda que as vogais [+arredondadas] e [-baixas], [o] e [u] com percentuais, respectivamente, de 8% e 31% ao apagamento, possam induzir à conclusão trivial de que condicionam o cancelamento interno, tal inferência não parece razoável. Em primeiro lugar, [o] e [u] são vogais em posição átona alternantes na composição sonora do vocábulo funcional *porque*, forma linguística altamente recorrente que mais se inclinou ao apagamento interno. Em segundo lugar, [o] e [u] não possuem qualquer propriedade fonológica intrínseca que opere sobre [h], especificado pelo traço [+spread glottis] (CLEMENTS & HUME, 1995). Os demais segmentos nucleares tiveram percentuais inferiores aos das vogais sobreditas. Assim, o que existe é um item sujeito à redução sonora, não vogais antecedentes deste ou daquele tipo condicionando o cancelamento do fonema.

A tabela 3 mostra o cancelamento do (r) medial a partir do fator *ambiente fonológico subsequente*:

	Contexto interno	
	Apl./Total	%
Oclusiva	99/1432	6,91
Fricativa	84/487	17,24
Africada	0/318	0
Nasal	7/513	1,36
Líquida	0/5	0
Total	190/2755	6,89

Tabela 3: Ambiente fonológico subsequente
(contexto interno)

Em contexto interno, segundo os dados da tabela 3, os obstruintes fricativos e oclusivos em ataque na sílaba seguinte favorecem o cancelamento do (r) codal. No caso dos segmentos oclusivos, 95 das 99 consoantes que sucederam o (r) cancelado advêm da oclusiva velar surda [k], unidade que compõe a estrutura fônica do vocábulo funcional *porque*. Ao se subtrair as 95 ocorrências da oclusiva velar, resta um quantitativo de 4 consoantes oclusivas, o que torna improcedente o condicionamento da classe sobre o fenômeno, ao lado das nasais⁵. O (r) em coda interna, quando seguido por africadas e líquidas, nunca incidiu em apagamento, fato totalmente oposto aos resultados de Oliveira (1983) quanto às líquidas, que indicaram seu forte condicionamento sobre a elisão do (r).

No caso dos obstruintes fricativos, entretanto, os segmentos condicionantes são variados e diversificados também são os itens linguísticos em que opera o processo, em contraste com a falsa restrição das oclusivas. As fricativas laríngicas [h, h̥], segmentos representativos do (r) codal manauara, compartilham o traço [+cont] com as demais fricativas em *onset*. Em consonância com Da Hora & Monaretto (2003, p. 134), “a presença de dois segmentos idênticos vai provocar a eliminação de um deles”, redundando, neste caso, no desligamento do traço [+cont] das variantes aspiradas codais. No contexto da fonologia não-linear, a restrição obedece, portanto, ao *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP), que proíbe elementos idênticos adjacentes (CLEMENTS & HUME, 1995). O condicionamento aplica-se independente do contexto prosódico. O cancelamento do (r) ocorre tanto em *cerveja*, *torcida*, *cirurgia*, por exemplo, onde a proeminência acentual da sílaba que porta o segmento é fraca, como em *força*, *catorze*, *Jorge*, onde a proeminência acentual é forte.

⁵ Podemos, inclusive, exemplificar os 11 vocábulos alvos de apagamento interno, em que os contextos seguintes foram preenchidos por obstruintes oclusivos e soantes nasais: *perpétuo*, *recordo*, *certo*, *certa*, *anteriormente* (2 vezes), *enorme*, *irmão*, *particularmente*, *consequirmos*, *perderrmos*.

Embora essa análise se revele adequada, não se pode refutar a viabilidade de uma abordagem gestual do condicionamento segmental atestado em contexto interno, visto que proveria a descrição acurada da complexidade acústico-articulatória envolvida no apagamento de [h, fi] diante de obstruintes fricativos. Para finalizar a análise do cancelamento do (r) em coda medial, a tabela 4 mostra o desaparecimento do (r) interno à luz dos fatores *sexo* e *faixa etária*.

	Contexto interno			
	Masculino		Feminino	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
1ª faixa	20/350	5,71	18/321	5,60
2ª faixa	36/448	8,03	40/543	7,36
3ª faixa	44/551	7,98	32/542	5,90
Total	100/1349	7,41	90/1406	6,40

Tabela 4: Sexo e faixa etária (contexto interno)

Os resultados concernentes ao cancelamento do (r) medial, para os fatores *sexo* e *faixa etária*, são muito contíguos, como se nota na tabela 4. Em consequência, a única correlação social cabível alude ao fato irrefutável que o fenômeno, em coda medial, está distribuído, conquanto em baixa frequência, ao longo da comunidade de fala manauara, de modo que indivíduos com idade, sexo e escolaridade distintos aplicam o fenômeno sem qualquer restrição social contrária.

Para analisarmos os 4208 casos de queda do (r) em posição final, selecionamos os fatores a seguir: *categoria gramatical*, *ambiente fonológico subsequente*, *acento*, *dimensão do vocábulo*, *valor morfológico do (r)*, *grau de escolaridade* e *faixa etária*.

b. Análise do cancelamento do (r) em coda externa

A tabela 5 mostra o cancelamento do (r) externo mediante o fator *categoria gramatical*:

	Contexto externo	
	Apl./Total	%
Verbos	3493/3739	93,42
Nominais	678/850	79,76
Itens gram.	37/317	11,67
Total	4208/4906	85,77

Tabela 5: Categoria gramatical (contexto externo)

Em coda externa, os dados expostos na tabela 5 assinalam estágios bem diferentes da supressão do (r) final nas categorias morfológicas. A classe verbal assume a primazia no cancelamento do (r), havendo somente 5% de articulação do segmento. Na sequência, em etapa menos avançada que os verbos diante do processo, a categoria dos nominais apresenta quase 80% de queda, contra 16% de realização da consoante. A classe das palavras funcionais exhibe os índices mais baixos de apagamento, 12%, que podemos contrapor aos percentuais da aspiração, 33%, e da ressilabificação, 55%.

Os altos índices de ressilabificação já eram presumíveis para os itens gramaticais, especialmente quando se tratam de unidades vocabulares monossilábicas sequenciadas por vogal (*e.g., por exemplo, por uma* etc.), afora outros condicionantes a serem especificados ulteriormente. Contudo, os percentuais relativamente altos para a fonação do (r) em declínio de sua perda não eram previstos. Ao examinarmos o cenário linguístico de tais resultados, notamos que os vocábulos funcionais, quando seguidos por consoante e de extensão monossilábica, tenderam à articulação do segmento (*v.g., por causa de, por mais que* etc.). Palavras funcionais não monossilábicas, independente do ambiente fonológico, não se inclinaram à emissão vocal da consoante, comportando-se como as outras categorias morfológicas (*e.g., apesar de, no lugar de* etc.).

Uma vez que o desaparecimento do (r) final encontra-se em estágio avançado na categoria verbal e a classe dos itens gramaticais apresenta os contornos delineados com respeito ao processo, oportunamente, retomaremos o caso da classe nominal, em razão de sua situação particular, à luz da Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001). Outrossim, a tripartição das classes gramaticais com (r) codal, em verbos, nominais e itens gramaticais, demonstrou-se apropriada para o tratamento do fenômeno em foco. Os resultados aqui apresentados estão em simetria com os achados dos inúmeros estudos realizados sobre o cancelamento do (r) que distinguem verbos de não-verbos.

A tabela 6 mostra o apagamento do (r) externo a partir do fator *ambiente fonológico subsequente*:

	Contexto externo	
	Apl./Total	%
Vogal	1545/1843	83,83
Consoante	2274/2565	88,65
Pausa	389/498	78,11
Total	4208/4906	85,77

Tabela 6: Ambiente fonológico subsequente
(contexto externo)

Em contexto externo, nem vogal, tampouco consoante, em contexto fonológico seguinte, restringem o cancelamento do (r) externo, a não ser nas condições apresentadas previamente. A pausa, de certo modo, impõe resistência ao zero fonético. Em todo caso, não estamos diante de diferenças colossais. O agrupamento dos segmentos seguintes em torno de classes fonológicas foi aventado, mas os detalhes segmentais não foram aferidos como significativos. Resultados similares foram encontrados em Callou, Leite & Moraes (2002), em relação às cidades de Porto Alegre e São Paulo, bem como em Oliveira (1983) restritos aos nominais.

A tabela 7 mostra o cancelamento do (r) com base no fator *acento*:

	Sílabas acentuadas		Sílabas não acentuadas	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Cancelamento	4166/4634	89,90	42/272	15,44
Total	4208/4906			85,77

Tabela 7: Acento (coda externa)

Em que pesem as assimetrias numéricas, as sílabas acentuadas provam-se extremamente suscetíveis ao cancelamento do (r) e as sílabas não acentuadas manifestam o inverso. Resultados e pareceres semelhantes foram identificados em Monaretto (2000), Da Hora & Monaretto (2003). Resultados contrários foram concebidos em Oliveira (1983) circunscritos aos nominais.

A tabela 8 mostra o cancelamento do (r) em função do fator *dimensão do vocábulo*:

	Coda final	
	Apl./Total	%
Monossílabo	796/1175	67,74
Não monossílabo	3412/3731	91,45
Total	4208/4906	85,77

Tabela 8: Dimensão do vocábulo (coda final)

A avaliação da relevância do fator *dimensão do vocábulo* sobre o fenômeno de apagamento do (r), fundidas as categorias morfológicas, norteou-nos à dedução que a real oposição se efetiva, de fato, entre palavras monossilábicas e não monossilábicas. Assim sendo, o cancelamento do (r) final ocorre em maior frequência em vocábulos com duas ou mais sílabas que vocábulos com apenas uma.

A tabela 9 mostra a supressão do (r) através do fator *valor morfológico do (r)* estrito à classe nominal:

	Coda externa	
	Apl./Total	%
(r) morfêmico	242/269	89,96
(r) não-morfêmico	436/581	75,04
Total	678/850	79,76

Tabela 9: Valor morfológico do (r) (coda externa)

Em continuidade ao percurso analítico que busca apresentar explicações adequadas sobre o funcionamento particular do cancelamento externo em nominais, analisamos o fenômeno através do fator *valor morfológico do (r)*. No português, (r)'s com função morfológica, em nominais, podem constituir morfemas (a exemplo de *escolar*, *popular*, *professor*) ou fazer parte da composição deles (à semelhança de *jogador*, *pastor*, *computador*), sendo substanciados semanticamente por noções agentivas e instrumentais, entre outras. Assim, (r)'s morfêmicos aplicaram mais o apagamento que (r)'s não-morfêmicos em nominais, exibindo índice muito próximo ao da classe verbal na tabela 5, 93%. Essa preferência peculiar do zero fonético já foi detectada em certo número de trabalhos: Oliveira (1983), Monaretto (2000) e Huback (2006), a qual traz resultados com elementos mais heterogêneos.

O sufixo *-dor* realizou o cancelamento em 93% dos casos (86/92). O sufixo *-tor* o aplicou em 75% das ocorrências (24/32). Outros sufixos efetuaram o fenômeno em 91% dos casos (132/145). No quadro teórico da Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001), a produtividade de um dado padrão linguístico reside, de maneira determinante, em sua frequência de tipo (*type frequency*). Os afixos referidos manifestam alta recorrência, credenciando-se a se conectarem a novas formas; paralelamente, são alvos de redução fonética, com graus diferentes de aplicação. O morfema *-dor*, com o maior percentual, seguido pelos demais sufixos *-r/-or/-ar*, apresenta grande probabilidade de, ao associar-se a um dado item, realizar o cancelamento do (r). O sufixo *-tor*, com o menor índice, demonstra probabilidade inferior de aplicar o fenômeno, nas formas por ele conectadas. Esses resultados divergem, em certa extensão, com os relatados por Huback (2006), porquanto todos os sufixos e não somente *-dor* e *-tor*, como fora salientado nesse trabalho, favoreceram o apagamento do (r) em nominais.

Nesse percurso analítico, focalizaremos, desta feita, o apagamento de (r)'s não-morfêmicos em nominais assinalando a regra da frequência na regularidade do fenômeno. Para explorarmos os efeitos da frequência de ocorrência (*token frequency*) sobre o cancelamento do (r), nos dados coletados, aderimos a algumas diligências

metodológicas. Os mais frequentes nominais com (r) não-morfêmico enunciados por cada falante foram separados. Os itens altamente reincidentes, porém pronunciados por menos de 8 dos 28 informantes, foram removidos, com o fito de assegurar a representatividade dos dados recortados em relação à totalidade do *corpus*, e de robustecer o esboço analítico. A partir desses procedimentos, obtemos os seguintes *tokens*:

Token	Apl./Total	%
<i>melhor</i>	54/66	81,81
<i>interior</i>	48/53	90,56
<i>lugar</i>	32/43	74,41
<i>qualquer</i>	36/41	87,80
<i>maior</i>	34/37	91,89

Posto que esses números não evidenciem, em caráter absoluto, a relação estreita entre a frequência de uso de um item linguístico e a propagação do fenômeno em foco, todos os cinco itens, com alta frequência, implementam o apagamento do (r) externo. Os nominais em questão experimentam estados diferentes no que tange ao cancelamento: *maior* e *interior* estão em estágio avançado, *lugar*, em etapa menos adiantada no processo. Destarte, o fenômeno não é lexicalmente homogêneo entre esses nominais mais recorrentes, não o é, também, entre os nominais com (r) morfêmico e não-morfêmico.

Sendo assim, corrobora-se um dos efeitos da alta frequência de ocorrência previsto pela Fonologia de Uso, conforme a qual quanto mais uma determinada palavra ou frase é utilizada, mais suscetível está à redução sonora e conseqüente automatização. Os vocábulos mais recorrentes em determinada instância discursiva aceleram a mudança em maior proporção que os menos reincidentes. Tendo em escopo automatizar a produção da fala com vistas à eficiência da comunicação, o efeito modifica de forma definitiva a imagem armazenada das palavras no léxico mental, fixando os atributos contínuos e irreversíveis da mudança fonética. Consequentemente, o cancelamento do (r) está estocado no léxico mental dos falantes, integrando os padrões sonoros efetivos nas variedades linguísticas em pauta (BYBEE, 1999, 2001).

A abrangência lexicalmente específica da queda do (r) final observada nas fronteiras da classe nominal, variável em frequência entre os vocábulos constituidores

da categoria, ressalta o papel da palavra, *locus* da categorização, como a unidade em que a mudança, notadamente o apagamento do (r), se implementa com a respectiva gradiência sonora (BYBEE, 2001). Dessa maneira, o comportamento ímpar dos nominais com respeito ao fenômeno fica plausivelmente explorado, ao que influi a frequência de uso sobre a representação lexical do cancelamento em vocábulos particulares. Para concluir a análise do cancelamento da consoante em coda final, a tabela 10 mostra o desaparecimento do (r) externo por meio dos fatores *grau de escolaridade e faixa etária*:

	Contexto externo			
	S/ formação sup.		C/ formação sup.	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
1ª faixa	692/780	88,71	437/503	86,87
2ª faixa	681/751	90,67	635/764	83,11
3ª faixa	827/939	88,07	936/1169	80,06
Total	2200/2470	89,06	2008/2436	82,43

Tabela 10: Grau de escolaridade e faixa etária (contexto externo).

Com base nos dados visualizados na tabela 10, em análise global, a ausência do (r) em fim de sílaba externa é mais frequente em falantes sem formação superior que em falantes com formação universitária. Os contrastes percentuais entre os indivíduos da 2ª e 3ª faixas etárias, contrapostos os níveis de escolaridade, são na ordem de 8%. A paridade percentual mais expressiva se efetua entre os sujeitos do 1º grupo etário, na ordem de 2%. Ainda, o maior índice de cancelamento é identificado nas pessoas de 2ª faixa etária sem formação universitária, líderes no fenômeno, e o menor, nas pessoas de 3ª faixa com formação superior. No entanto, questionamos: os indivíduos classificados no mesmo grupo tiveram comportamento idêntico? A resposta é não.

De fato, constatamos que o comportamento dos indivíduos situados no mesmo grupo social difere muito entre si, tal como defendeu Oliveira (1997). Se a probabilidade era que falantes da variedade culta resistissem mais ao fenômeno, os números a seguir rechaçam tal expectativa. Nos falantes de 3ª faixa etária com maior escolaridade, a título de exemplificação, os informantes 10 e 14 apresentaram taxas percentuais, na devida ordem, de 96% e 89%, ao passo que, em outro extremo, os informantes 11 e 12 revelaram percentuais de 60% e 63%, respectivamente, aliás, os índices mais baixos de apagamento em todo o *corpus*. Sem apelar a maiores detalhes, malgrado as diferenças percentuais entre as duas variedades, o fenômeno, em coda final,

espalha-se livremente pelo dialeto manauara, havendo apenas relativa resistência de alguns falantes situados na variedade culta.

A partir dos resultados para os grupos etários expressos na tabela 10, verifica-se que, enquanto nas faixas etárias da variedade culta há, discretamente, uma mudança em progresso, com os indivíduos mais jovens liderando o apagamento do (r) em coda final, nos grupos etários da variedade popular há um padrão estável de mudança, na qual os falantes com idade de 35 a 55 anos destacam-se na liderança do cancelamento. Todavia, tenha-se sempre em vista, para a interpretação dos resultados, a problemática levantada preliminarmente sobre os diversos direcionamentos em um mesmo grupo no processo em análise.

Embora não se intente ofuscar a função do contexto comunicativo na emancipação do fenômeno, podemos afirmar que, à luz dos resultados focalizados, a formalidade característica das entrevistas não figurou como um impasse de relevo para a aplicação do cancelamento do (r). Seria interessante em pesquisas futuras avaliar a função do contexto comunicativo sobre o apagamento do (r), pois, possivelmente, instâncias discursivas mais formais tenderão a refrear o fenômeno e, contrariamente, situações discursivas informais não oferecerão qualquer obstáculo.

c. Breves notas sobre o processo de ressilabificação

A ressilabificação trata-se de um processo mais amplo que envolve os segmentos fônicos codais em fim de vocábulo. O fenômeno também é conhecido na literatura como sândi, fala conectada, juntura, entre outros. Na ressilabificação do (r), o segmento cai da posição de coda na última sílaba, e se realiza como um tepe [r], no ataque da primeira sílaba do vocábulo seguinte. No *corpus* da pesquisa, o processo acomete, sobretudo, o conectivo *por* seguido de vogal, como em “[...] [poØ rin]crível que pareça [...]”. Além disso, das 256 ocorrências do processo, 208 (82%) procedem de palavras monossilábicas; 175 (69%), das 256 ressilabificações, procedem de vocábulos funcionais.

Logo, no dialeto manauara, temos restrições distintas alusivas ao número de sílabas e à classe gramatical intervindo na regularidade do processo de ressilabificação. O processo se concretiza em outras categorias morfológicas como também em palavras com duas ou mais sílabas, porém, de maneira instável. Nos verbos, houve 44 casos de ressilabificação, nos nominais, 36, os quais, apesar de constituírem uma porção expressiva, são monossílabos, via de regra, como *ter*, *ser humano* etc. As sequências de

palavras categoricamente ligadas pela ressilabificação do (r), processadas e armazenadas como uma unidade, neutralizam outras possibilidades fônicas, como a realização codal da consoante e o cancelamento (BYBEE, 2001).

Acerca dos segmentos ressilabificados possíveis no *onset*, convém enfatizar que o tepe não é o único segmento que pode se superficializar na ressilabificação. A fricativa laríngea, com efeito, esporádica, é uma variante possível, como nos dois casos encontrados no *corpus* do FAMAC: “[...] porque: ... [teØ hum] chefe implicando [...]”; e em “[...] e isso nos causa um pouco de pa[vo:Ø hen]tão... [...]”. A título de exemplificação, cite-se o caso de muitos dialetos do espanhol, nos quais, segundo Hock (1991, p. 131-132), após o enfraquecimento de [s] para [h], ocorre a perda total [Ø]; o contexto /__ # V (o mesmo dos casos comentados) favorece a retenção da aspiração e projeta *outputs* como [la\$#haywah] ou [la\$#haywa] “las aguas”.

Considerações finais

Os estudos linguísticos acerca do português falado em Manaus estão em estágio embrionário. Raros são os trabalhos que enfocam uma ou outra particularidade do falar manauara e a rica diversidade linguística existente no complexo espaço social e urbano fica inexplorada, resultando em inúmeras e intransigentes lacunas. No esforço de superar tal quadro, sob abordagem sociolinguística e funcional, a presente pesquisa investigou o cancelamento do (r) em coda silábica na comunidade de fala manauara, analisando a ocorrência da consoante em amostras de fala de 28 informantes, extraídas do banco de dados do projeto FAMAC. Para aferir as 7661 ocorrências do (r) encontradas nos dados da variedade culta e da variedade popular, como procedimento geral, separamos os (r)’s em coda interna *versus* em coda externa.

No primeiro contexto, a principal restrição evidente adveio do ambiente fonológico subsequente, em que há o condicionamento de obstruintes fricativos em favor do cancelamento do (r). Não houve restrição social que inibisse o zero fonético em posição medial: indivíduos com sexo, idade e escolaridade distintos o efetuam. No segundo contexto, os fatores mais significativos foram a classe morfológica – os verbos estando em avançado estágio na elisão do (r), os nominais em fase intermediária, atrás dos verbos e à frente dos itens gramaticais, que, em sua maioria monossílabos, bloqueiam o processo – e o valor morfológico do (r), no âmbito do qual exploramos o papel da frequência de uso no desenvolvimento particular do apagamento em nominais, no escopo teórico da Fonologia de Uso. Em função da frequência de tipo, atestou-se que

o sufixo *-dor* é o padrão mais produtivo ao cancelamento, com alta probabilidade de aplicá-lo nas formas em que se conecta. Em função da frequência de ocorrência, evidenciou-se que os nominais mais frequentes, todos alvos de cancelamento em graus diferentes, aceleram a mudança sonora, afetando permanentemente sua imagem no léxico mental. Nesse sentido, a Fonologia de Uso trouxe importantes contribuições para a abordagem do fenômeno, como também à resolução do problema da implementação da mudança linguística.

Ainda em relação ao contexto externo, em análise global, os falantes sem formação superior cancelaram mais o (r) final que os indivíduos com formação universitária, entretanto, os indivíduos situados no mesmo grupo social não manifestaram comportamento análogo quanto à aplicação do fenômeno. Como desdobramentos da pesquisa, podemos enumerar pelos menos os seguintes: (1) uma descrição acurada da complexidade acústico-articulatória envolvida no condicionamento das fricativas sobre o apagamento do (r) codal interno; (2) a avaliação do nível de monitoramento em diferentes contextos comunicativos, do mais informal ao mais formal, sobre o desaparecimento do (r) em fim de sílaba.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Nas trilhas do -r retroflexo*. **Signum**: Estud. Ling., Londrina: n.10/2, 2007, p. 265-283.
- BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria. *Os róticos no sul do Brasil: panoramas e generalizações*. **Signum**: Estud. Ling., Londrina, n.11/2, 2008, p. 51-66.
- BYBEE, Joan. *Usage-based phonology*. In: Michael Darnell et al. **Functionalism and formalism in linguistics**, volume 1: general papers. Amsterdam: Benjamins, 1999, p. 211-242.
- BYBEE, Joan. **Phonology and language use**. New York: Cambridge University Press, 2001.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil*. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. 2ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002. v. VI.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, John (ed.). **The handbook of phonological theory**. Cambridge: Basil Blackwell, 1995, p. 245-306.

- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 6ª ed. rev. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- SILVA, Thaís Cristóforo; GOMES, Christina Abreu. *Representações múltiplas e organização do componente linguístico*. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n.1, 2004, p. 147-177.
- CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- DA HORA, Dermeval; MONARETTO, Valéria N. *Enfraquecimento e apagamento de róticos*. In: DA HORA, Dermeval; COLLISCHONN, G. (org.) **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003.
- HOCK, Hans Hendrick. **Principles of Historical Linguistics**. 2nd. ed. rev. and updated. New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- HUBACK, Ana Paula da Silva. *Cancelamento do (r) final em nominais: uma abordagem difusionista*. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 2006, p. 11-28.
- LADEFOGED, Peter. **A Course in Phonetics**. 3rd ed. Orlando: Harcourt Brace & Company, 1993.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The Sounds of the World's Languages**. Oxford: Blackwell, 1996.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- LINDAU, Mona. *The story of /r/*. In: FROMKIN, V. A. (Ed.). **Phonetic Linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged**. Orlando: Academic Press, 1985.
- MADDIESON, Ian. **Patterns of sounds**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MARTINS, Silvana Andrade. *Banco Digital de Dados da Fala Manauara: um estudo em desenvolvimento (Comunicação pessoal)*. In: **"I Encontro de Estudos do Português do Norte"**, Manaus, 2011.
- MATEUS, Maria Helena Mira & RODRIGUES, Celeste. **A vibrante em coda no português europeu**. 2003. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante_em_coda.pdf Acesso: 31/01/2016.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MONARETTO, Valéria N. *O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, 2000, p. 275-284.

- OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids**. Tese (Doutorado em Linguística). University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. *The neogrammarian controversy revisited*. In: **International Journal of the Sociology of Language** 89: Berlin, 1991, p. 93-105.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba*. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 1997, p. 31-58.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 3ª ed. rev. e modif. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- RENNICKE, Iiris. Rennicke, I. & Martins, P. T. *As realizações fonéticas de /R/ em português europeu: análise de um corpus dialectal e implicações no sistema fonológico*. In: F. Silva, I. Falé & I. Pereira (ed.) “Textos Seleccionados do XXVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística”, APL, Coimbra, 2013, p. 509–523.
- RENNICKE, Iiris. **Variation and Change in the Rhotics of Brazilian Portuguese**. Tese (Doutorado). University of Helsinki (Faculty of Arts), Helsinki: 2015.
- SILVA NETO, Serafim. **Fontes do Latim Vulgar (O Appendix Probi)**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- SILVA NETO, Serafim. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1963.
- STAVROU, Christopher. **Brazilian Portuguese Pronunciation**. Philadelphia: David McKay Company, 1947.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- VICENTE, Gil. **Obras de Gil Vicente – Tomo II**. (LEAL Jr., I. da J. Mendes; F. L. Pinheiro). Lisboa: Escriptorio da Bibliotheca Portugueza, 1852 [1524].
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- WIESE, Richard. *The representation of rhotics*. In: **The Blackwell Companion to Phonology**, edited by Marc van Oostendorp, Colin Ewen, Elizabeth Hume, and Keren Rice, Malden, MA & Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, p. 711-729.